

## É tempo dos neoliberais de ocasião

por Gustavo H. B. Franco

Andam desanimados os movimentos anti-globalização, protestantes ou cínicos, os heterodoxos de carteirinha, e os pessimistas em geral; e não é pela demora nas nomeações do ministro Mangabeira Unger: como denunciar uma “ordem internacional de caráter perverso” quando a economia mundial cresce tanto, por tanto tempo, superando supostas crises em sucessão, e, principalmente, quando suas locomotivas de crescimento são os países da “periferia”, China e Índia em particular?

A alegria pode ser efêmera, dirão as vozes graves, a euforia é sempre tola diante da dura realidade dos subúrbios distantes do planeta. Com efeito, durante muitos anos, aprendemos a pensar que o subdesenvolvimento era uma doença crônica e a “periferia” o “saco de pancadas” da economia global. Lembro-me de um professor de História do Pensamento Econômico, nos anos 70, que me levou para almoçar no bandejão da universidade a fim de me ensinar umas verdades, antes que fosse tarde demais:

- O caráter periférico da nossa economia deve ser visto como defeito de nascença - dizia ele - não adianta fisioterapia ou exercício, no máximo, seremos um anão halterofilista.

Não sei bem o que era pior, a comida, a imagem de mau gosto, ou a teoria que justificava esse pessimismo todo. Na época ainda se ouvia sobre a deterioração secular dos termos de troca, assunto de boa parte do almoço, da qual restaram apenas piadas, ou melhor dizendo, formas elegantes de se ridicularizar a velha tese. Como, por exemplo, a de se notar, como fez recentemente um economista espanhol, que um quilo de filet mignon argentino custa 24 euros, ao passo que um quilo de Audi A4 sai por 20



GUSTAVO H.B. FRANCO é economista e professor da PUC-Rio e escreve quinzenalmente em ÉPOCA. Foi presidente do Banco Central do Brasil.  
<http://www.gfranco.com.br/>  
[gfranco@edglobo.com.br](mailto:gfranco@edglobo.com.br)

euros (o carro inteiro custa cerca de 29 mil euros). Quem quiser fazer a conta de quantos bytes de memória, ou quantos computadores, é possível comprar com uma tonelada de soja hoje relativamente a 20 anos atrás, vai levar um susto e se convencer que Raul Prebisch, a Cepal e seus seguidores andaram nos enrolando com essa ideia de agredir a teoria das vantagens comparativas.

Mas a teoria em si não era importante, servia apenas como veículo para uma melancolia genérica contra o progresso e a “vulnerabilidade” inerente a viver em um mundo globalizado, a qual, ainda em nossos dias, tem “caráter cíclico”: quando o crescimento mundial fraqueja, cresce a popularidade dos profetas de linguajar parnasiano, Porto Alegre se organiza para o fórum alternativo, e são muitos a proclamar que “um outro mundo é possível”. Quando as coisas vão bem, parece melhor ficar com o que temos, e todos se tornam neoliberais bem-comportados.

Mas o leitor não deve se deixar enganar: é puro fingimento. É importante que se tenha claro que o ministro Mantega, por exemplo, não é um neoliberal convicto, como ele mesmo há de confirmar. O mesmo vale para a ministra Dilma, mesmo depois da privatização. O alinhamento com o Consenso de Washington é de natureza tática apenas, um imperativo da conjuntura, uma aliança de oportunidade como se faz cotidianamente entre os partidos políticos, o PT e o PTB ou o PRB, por exemplo. Na essência, a globalização tem caráter perverso, ou talvez mesmo não tenha nenhum caráter. Como bem disse Millor Fernandes, se o mundo fosse feito à base de caráter, ia faltar muito material.

Claro que isto não faz a menor diferença nas políticas de governo, é só uma racionalização, que, todavia, adquire muita importância porque a História e a Política constroem-se a partir de versões. A situação dos ministros lembra uma historietta de Machado de Assis, grande especialista em caráter, segundo a qual um carrasco (ou terá sido um jornalista) perguntou a um condenado sobre seu último desejo, e a resposta foi que ele gostaria de aprender inglês. Melhor que as consequências diretas do desejo, procrastinar a execução, foi a explicação: o inglês se tornou o idioma do mundo globalizado, deve ser o que se fala na outra vida para onde está partindo o condenado.

Pois é, no tapete das explicações, o papel é magnânimo.